

CONSIDERAÇÕES BÁSICAS SOBRE A UTILIZAÇÃO DE CÃES DE FARO

*George Felipe de Lima Dantas**

*Rodrigo Müller***

*Maria Paula Araújo****

RESUMO: Este artigo apresenta informações descritivas, em perspectivas históricas e comparativas, do uso de cães no trabalho policial, especificamente para a detecção de entorpecentes pelo faro. A abordagem é qualitativa, com objetivo descritivo e suporte na pesquisa bibliográfica. O estudo contém uma base teórica que descreve o uso do cão pelas unidades policiais brasileiras, assim como as formas de treinamento desses animais e de seus parceiros humanos.

Palavras-chave: Cão policial; Cão de faro; Cão farejador; K9; Cinotecnia.

DOI: <https://doi.org/10.36776/ribsp.v5i11.196>

Recebido em 29 de dezembro de 2021

Aprovado em 16 de março de 2022

* Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8073-9627> - CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9476901304975730>

** Müller Consulting & Training (Orlando/FL/USA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2597-7761> - CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1033609562482740>

*** Universidade Estácio de Sá. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2355-7640> - CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1766943001552344>

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem seu foco nos chamados “*cães de faro*” e nos aspectos estruturantes do emprego desses cães por instituições públicas e privadas. Trata também das bases científicas e da própria aplicação prática do adestramento, levada a efeito pelos chamados adestradores, cinófilos ou cinotécnicos, base para o trabalho de detecção de drogas ilícitas por cães.

A relação homem/cão é bem mais antiga do que se possa imaginar. Guagnin, Perri e Petraglia (2017) analisaram gravuras em relevo de rochas, em Shuwaymis e Jubbah, na Arábia Saudita, que retratam humanos caçando ao lado de cães, em regime de cooperação. Essas representações realizadas, aproximadamente, no oitavo milênio A.C.¹, demonstram o quanto de tempo dista essa relação, pois os cães foram usados como companheiros de trabalho desde muito cedo, também, incorporados às forças militares e mais tarde às forças de segurança.



Figura 1: Entalhes de cachorros e humanos datados de 8.000/9.000 anos na Arábia Saudita (ASH PARTON / MARIA GUAGNIN - PALAEODESERTS SURVEY)²

Neste texto, não se trata de cães policiais genericamente, mas tão somente cães de faro.

A justificativa reside no fato de o assunto demandar atenção do governo na esfera estadual e federal, uma vez que o tema dos *cães de faro* merece, pela relevância política, social e econômica da questão das drogas, maior e melhor estruturação regulatória da atividade pelos órgãos competentes.

A abordagem é qualitativa, com objetivo descritivo e suporte na pesquisa bibliográfica.

O artigo, contando com a introdução, é estruturado em 8 (oito) seções, sendo que na segunda seção se aborda onde são empregados os cães de faro. Na terceira seção, discorre-se sobre o treinamento para o emprego de cães policiais. Na quarta seção apresenta-se como se dá o treinamento dos cães de faro. Na quinta seção relata-se sobre o treinamento do cinotécnico e do operador de cães. A sexta seção apresenta as raças de cães mais adequadas ao trabalho de faro. Na sétima seção se descreve as doenças e enfermidades mais comuns nos chamados cães pastores, seguindo-se, na oitava seção, com as considerações finais.

2. ONDE SÃO EMPREGADOS OS CÃES DE FARO?

É público e notório o emprego de cães pelos mais diversos órgãos de segurança pública e da fiscalização aduaneira. O mesmo ocorre vis-à-vis empresas de segurança.

¹ Sobre a relação humano-cão ver: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/BJvpLMPJfmJSH6nLWYRVTft/?lang=pt#> Artigo publicado em Psicol. USP 31, 2020. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190109>

² Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/12/ciencia/1513105468_374523.html. Acesso em: 06 out. 2021.



Figura 2: *Warfare Blog* Foto – Binômio Carro/Infantaria³

O termo k9 (abreviatura que soa como “*canine*” em inglês, traduz-se para o português como “canino”) deixou de ser a forma de simples nomeação do cão policial, para abranger também seu parceiro humano, dando nome a um binômio, chamado então de *K9 Unit* (cão + adestrador ou cinotécnico).

Outras situações envolvem binômios, como é o caso na “*arte da guerra*” ao empregar homens ao redor de carros de combate. O mesmo acontece no equestrianismo, quando “conjuntos”/ binômios (cavalo + homem) competem nas mais diversas modalidades desse esporte.

As unidades *K9* são internacionalmente consideradas unidades de polícia especializada, e contam com recrutamento, seleção, abrigo, alimentação, cuidados médico-veterinários, treinamento, equipamentos e meios diferenciados, que abrangem não somente os cães, mas também seus parceiros humanos (usualmente chamados de adestradores, cinófilos ou cinotécnicos) e que serão objeto de posterior definição.

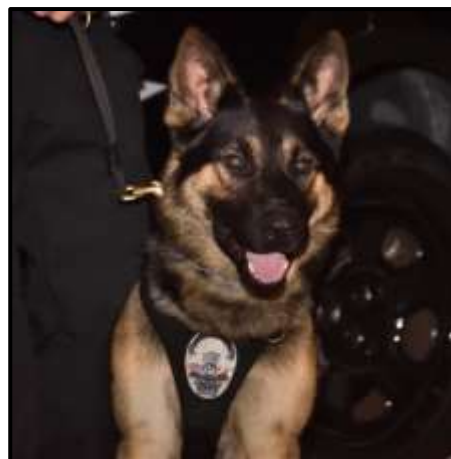


Figura 3: Novo *K9* do Departamento de Polícia de Westminster⁴

Fonte: Steven Georges/Behind the Badge⁵.

Ademais, o status do cão policial, em muitos países, se assemelha, de algumas formas, ao dos seus parceiros humanos, recebendo por vezes um número de distintivo (“*badge*”)⁶, aposentadoria diferenciada e até honras policiais quando de seus sepultamentos.



Figura 4: Funeral de *Kitt*, cão policial do Departamento de Polícia de Braintree, Massachusetts, EUA, morto em ação durante uma operação policial
Fonte: Mckenna, Charlie & Alanez, Tonya. Boston Globe. Police dog killed in shootout honored with open casket funeral at Gillette Stadium⁷.

³ Disponível em: afcmvo9uufg61.jpg (960×540) (bp.blogspot.com). Acessado em: 10 out. 2021

⁴ Pastor alemão que passou a pertencer ao departamento, de nome Pko, para ajudar a proteger a cidade. (Tradução Livre)

⁵ Disponível em: <https://behindthebadge.com/longtime-westminster-police-officer-k9-decoy-gets-new-partner-finally/>
Acessado em: 01 out. 2021

⁶ Badge se traduz do inglês para o português como distintivo. (tradução livre)

⁷ Disponível em: <https://www.bostonglobe.com/2021/06/22/metro/braintree-police-have-somber-procession-funeral-k-9-kitt-killed-ambush-that-wounded-two-officers/>
Acessado em: 28 set. 2021.

A difusão do uso do cão policial como ferramenta tática policial, no Brasil, apesar de relativamente recente (meados de século 20), já é bem disseminada. As unidades especializadas que empregam cães podem ser encontradas em praticamente todas as forças policiais de âmbito federal, como o Departamento de Polícia Federal (DPF), a Polícia Rodoviária Federal (PRF), e mesmo na Receita Federal do Brasil (RFB). A RFB Utiliza cães em alguns de seus labores específicos que demandam poder de polícia⁸.

De igual maneira são encontrados cães nas polícias das unidades federativas (Polícias Civis e Militares), sem esquecer as empresas de segurança privada.

O DPF iniciou suas atividades K9 no ano de 1988. Atualmente o *Serviço de Canil Central* (SECAN) localizado em Brasília é o setor responsável pela formação dos cinotécnicos e operadores de cães na atividade fim, além do recrutamento, seleção, formação e treinamento dos próprios animais que serão distribuídos pelas diversas superintendências existentes em todo o Brasil.

Oportuno apresentar uma definição, dentre outras, do que é um cinotécnico:

“Cinotécnico⁹ é uma pessoa que se especializou na técnica de adestramento de cães. Não seria incorreto, portanto, chamá-lo de “adestrador”, mas o termo “cinotécnico” é um pouco mais abrangente, pois além do adestramento, engloba também conhecimentos sobre psicologia canina, doenças dos cães, etc.



Figura 5: Cão de faro da Polícia Federal localiza cocaína em ônibus, em Cuiabá, em 20 de agosto de 2021¹⁰.

O foco principal do SECAN é a formação de cães detectores de narcóticos e explosivos que atuarão em setores de fiscalização de malas, bagagens diversas e passageiros em trânsito em aeroportos. Ademais das tarefas citadas, também fazem varreduras em embaixadas e outros prédios públicos e locais de eventos de grande manifestação popular.

A PRF, por sua vez, desenvolve um trabalho de formação e treinamento de cães de faro para atuação nos *Grupos de Operações com Cães* existentes nas superintendências e delegacias espalhadas pelo país.

⁸ O artigo 78 do Código Tributário Nacional traz uma definição legal do poder de polícia: “considera-se poder de polícia a atividade da administração pública que, limitando ou disciplinando direito, interesse ou liberdade, regula a prática de ato ou abstenção de fato, em razão de interesse público concernente à segurança...

Artigo 78 da Lei nº 5.172 de 25 de outubro de 1966

⁹ O que é um cinotécnico. Disponível em: <http://rastrosdafama1.blogspot.com.br/p/oquee.htm> 1 ConteudoAnimal.com.br Acesso em: 28 set. 2021.

¹⁰ Disponível em: <https://portalmatogrosso.com.br/cao-de-faro-da-policia-federal-localiza-cocaina-em-onibus-em-cuiaba/> Acessado em: 28 set. 2021.



Figura 6: Cão de faro da Polícia Rodoviária Federal¹¹

Foi o *Fundo Nacional Antidrogas* (FUNAD) o grande responsável pelo suporte financeiro para a construção do *Centro Nacional de Cães de Faro*, localizado nas dependências da sede da PRF em Brasília. Ela terá a responsabilidade nacional no âmbito daquele órgão, na formação e treinamento dos cães de faro da instituição.

A RFB, por sua vez, criou através da portaria RFB n. 116 de 26/01/2010 o *Centro Nacional de Cães de Faro da Receita Federal do Brasil* – (CNCF K9 RFB), estabelecendo também suas normas de funcionamento. Localizado na cidade de Vitória, estado do Espírito Santo, esse centro é responsável pelo recrutamento, seleção, treinamento e implantação das diversas unidades K9 nas áreas de atuação da RFB nos portos, aeroportos e postos de fronteira, com o objetivo de combater o contrabando e o descaminho, além do apoio na repressão ao tráfico de drogas e do tão prevalente contrabando de cigarros.



Figura 7: Cão de faro da Receita Federal Brasileira¹²

Nas unidades da federação podemos observar a aplicação das unidades caninas atendendo aos mais diversos propósitos do trabalho policial. São utilizados como instrumento de efeito psicológico nas ações de choque, controle de distúrbios civis e na retomada de ambientes carcerários. O cão, nas ações de polícia ostensiva, também se mostrou ferramenta importantíssima na busca de entorpecentes. Isso é tão verdade que a maior parte dos canis, companhias e batalhões da Polícia Militar pelo Brasil realizam treinamentos específicos de habilitação de cães de faro, bem como de seus adestradores/ cinotécnicos.

A primeira Polícia Militar brasileira a se utilizar do cão foi a de São Paulo que em 1950 criou o primeiro Canil da Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP).

Segundo Constanza (2008, p. 35), em 1955, foi criado na cidade do Rio de Janeiro o *Serviço de Cães* da PMERJ, pertencente a 4ª. Companhia do 4º Batalhão. Em 1969, o *Serviço de Cães* passou a denominar-se *Companhia Independente de Cães*, nome utilizado até os dias atuais. As companhias policiais militares denominadas “independentes”, assim o são pelo fato de não estarem submetidas a nenhuma grande unidade, no caso, um batalhão.

Em 1957 foi a vez da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais (pmmg) criar um

¹¹ Disponível em: <https://www.gov.br/prf/pt-br/noticias/estaduais/bahia/maio/a-importancia-do-trabalho-do-cao-farejador-no-combate-ao-crime-organizado> Acessado em: 28 set. 2021

¹² Disponível em: <https://integracao.sindifisconacional.org.br/k9-e-ceoar-o-trabalho-da-receita-federal-por-terra-e-por-ar/> Acessado em: 28/09/2021

Pelotão de Polícia com Cães, com sede em Belo Horizonte (GOMES, 2011).

Do que vai acima exposto, é possível concluir que as instituições policiais militares são detentoras de uma tradição na área de emprego de cães e que já acumula (PMESP e PMERJ), nesse mister, mais de sete décadas.



Figura 8: BavOp e Bpcães fazem treinamento de transporte aéreo com cães policiais¹³

As polícias civis estaduais têm desenvolvido seus trabalhos de cães de faro vinculados aos seus respectivos departamentos de Operações Especiais (caso da PCDF, cujo canil é parte da DOE – Divisão de Operações Especiais) ou tendo como vinculação suas unidades especializadas de Narcóticos, como o Núcleo de Operações com Cães (NOC) – Divisão de Combate ao Tráfico de Drogas (DCTD) da Polícia Civil do Ceará. Existem ainda canis operando conjuntamente em unidades mistas, como no caso do GEFRON (Grupo Especial de Fronteira) do Estado do Mato Grosso que congrega policiais militares e civis em sua composição.

A pesquisa experimental apresentada no artigo do Coronel Wanderson Nunes de Siqueira, Oficial da Polícia Militar de Mato Grosso, especialista em Gestão de Segurança Pública/CAO, da Academia de Polícia Militar Costa Verde (APMCV/MT), “*O emprego do cão farejador na localização de substâncias entorpecentes ilícitas*” descreveu de maneira sucinta uma experimentação científica que visava mensurar a eficiência e a eficácia do emprego do cão farejador na localização de substâncias entorpecentes ilícitas durante o trabalho policial de abordagem.

A pesquisa consistiu em submeter guarnições policiais, ora acompanhadas de um cão farejador, ora não, a uma pista de localização de drogas, simulando uma situação real do dia-a-dia dos policiais. O objetivo desse experimento era mensurar os resultados do emprego do cão farejador em atividades de auxílio na operação policial.

O fenômeno estudado foi a localização, por parte da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso, de substâncias entorpecentes ilícitas através de busca e revista em veículos parados em barreiras policiais.

Os policiais que participaram da pesquisa desempenhavam suas funções nos grupamentos da Força Tática do 1º e do 3º Batalhões de Polícia Militar, ambos responsáveis pelo policiamento da cidade de Cuiabá, Estado de Mato Grosso.

Os policiais foram divididos em duas guarnições distintas e cada uma delas, foi composta por 4 (quatro) policiais militares sob comando de um graduado.

Durante a pesquisa experimental foi montada uma barreira policial fictícia, onde foram escondidos itens de drogas em alguns veículos que passaram pela barreira. O experimento foi realizado no pátio do Comando Geral da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso.

Com a missão de montar uma barreira semelhante às utilizadas em rodovias

¹³ Disponível em:
<http://www.pmdf.df.gov.br/index.php/institucionais>

[/31775-bavop-e-bpcaes-fazem-treinamento-de-transporte-aereo-com-caes-policiais](#) Acessado em: 29 set. 2021

estaduais com grande número de registro de apreensões de drogas, armas, contrabando e veículos roubados e furtados, a guarnição policial não teve uma determinação direcionada, agindo como se estivessem no trabalho rotineiro de verificação, a fim de não direcionar os resultados. A ideia era aproximar-se ao máximo das situações encontradas no dia a dia.

A experimentação evidenciou, tanto no tempo de realização da revista, quanto no grau de precisão da indicação do local onde estavam escondidos os tóxicos, que o cão leva em média um tempo 70% menor que o policial para localizar algo ilícito, tendo ainda a guarnição que possuía o cão de faro como integrante, teve 50% a mais de sucesso nessas buscas.

A guarnição que contava com o auxílio do cão também teve desempenho físico melhor, apresentando menos fadiga durante o trabalho, em parte pela abordagem com o cão ter sido mais rápida e dinâmica, inclusive com a vistoria de espaços e compartimentos que geralmente não são alcançados ou bem vistoriados por seres humanos.

Apesar do cão também se cansar, a sua resistência à fadiga e foi bem maior do que a do homem e isso se evidenciou na proporção em que o cão vistoriou 6 (seis) veículos no mesmo tempo em que a equipe sem o cão vistoriou apenas 2 (dois).

Durante o estudo ficou evidenciada a grande capacidade olfativa que o cão possui e quando foi colocado à prova, em uma simulação de uma barreira policial, com controle pareado, o cão farejador obteve um resultado muito superior ao dos policiais que atuaram sem o seu auxílio.

Também é forte a presença de unidades de cães de faro no seio da Polícia Penal, seja em presídios federais ou nos estaduais, cujos binômios *K9* são rotineiramente responsáveis por apreensões de entorpecentes desde o interior de celas, até em vestimentas de presos ou nos itens levados por familiares.



Figura 9: Cães da Guarda Metropolitana de São Paulo ajudam nas buscas de mais corpos¹⁴.

Nas guardas municipais a cultura da utilização do cão policial também é empregada. Em maiores ou menores proporções temos como exemplo o *Canil da Guarda Civil Metropolitana* da cidade de São Paulo (GCM/SP), criado oficialmente em 21 de julho de 2000, através do decreto municipal 39.636. O efetivo então era de 90 (noventa) guardas e 15 (quinze) cães.

Na iniciativa privada não é diferente do âmbito federal e estadual, empresas de segurança têm se utilizado cada vez mais de cães, não somente com o objetivo de guarda, mas sim atendendo à intensa demanda mundial na identificação de explosivos, drogas e outros ilícitos, no apoio às forças de segurança, inclusive em países em conflito, onde as instituições locais ainda não possuem o domínio de capacitação e manutenção desses animais por sua própria iniciativa.

O DPF, através das Delegacias de Controle de Segurança Privada – DELESP, unidades regionais vinculadas às Superintendências de Polícia Federal nos Estados e no Distrito Federal, são responsáveis pela fiscalização e controle das atividades de segurança privada, no âmbito de suas circunscrições.

¹⁴ Disponível em:
[https://www.jj.com.br/policia/caes-da-guarda-](https://www.jj.com.br/policia/caes-da-guarda-metropolitana-de-sao-paulo-ajudam-nas-buscas-de-mais-corpos/index.html)

[metropolitana-de-sao-paulo-ajudam-nas-buscas-de-mais-corpos/index.html](https://www.jj.com.br/policia/caes-da-guarda-metropolitana-de-sao-paulo-ajudam-nas-buscas-de-mais-corpos/index.html) Acessado em: 28 set. 2021



Figura 10: o papel do cão de guarda na segurança patrimonial¹⁵

A Portaria n. 3.233/2012-DG/DPF, de 10/12/2012, estabelece os parâmetros para utilização do cão adestrado no trabalho de segurança privada no Brasil.

PORTARIA Nº 3.233/2012-DG/DPF, DE 10 DE DEZEMBRO DE 2012

Seção VIII

Da Utilização de Cães Adestrados

Art. 139. As empresas de vigilância patrimonial e as que possuem serviço orgânico de segurança poderão utilizar cães em seus serviços, desde que possuam autorização de funcionamento e certificado de segurança válido.

Art. 140. Os cães a que se refere o art. 139 deverão:

I – ser adequadamente adestrados por profissionais comprovadamente habilitados em curso de cinofilia; e

II – ser de propriedade da empresa de vigilância patrimonial ou da que possui serviço orgânico de segurança, ou de canil de organização militar, de Kanil Club ou particular.

Parágrafo único. O adestramento a que se refere o inciso I deverá seguir procedimento básico e técnico-policial-militar semelhante ao adotado pela polícia militar.

Art. 141. Os cães adestrados deverão estar sempre acompanhados por vigilantes devidamente habilitados para a condução do animal.

Parágrafo único. A habilitação a que se refere o caput deverá ser obtida em treinamento

prático, em órgão militar ou policial, Kanil Club ou empresa de curso de formação, expedindo-se declaração ou certificado de conclusão de curso.

Art. 142. O cão, quando utilizado em serviço, deverá possuir peitoral de pano sobre o seu dorso, contendo logotipo e nome da empresa.

Art. 143. A atividade de vigilância patrimonial com cão adestrado não poderá ser exercida no interior de edifício ou estabelecimento financeiro, salvo fora do horário de atendimento ao público.

Diante de um universo tão vasto de unidades especializadas e de suas respectivas aplicações, o que se observa é que o cão de faro, em sua capacidade de detecção de certas substâncias, é uma “tecnologia” que a ciência tradicional ainda não consegue superar por outros meios. Vale citar Jeremy Travis, quando afirma:

“Ainda devemos ver o conhecimento como a tecnologia mais poderosa – e não devemos perder de vista a importância de desenvolver o conhecimento mais poderoso sobre o que funciona e o que não funciona.” (13 de março de 1997, pronunciamento de Jeremy Travis¹⁶ na Academia de Ciências da Justiça Criminal¹⁷).

3. O TREINAMENTO PARA O EMPREGO DE CÃES POLICIAIS¹⁸

Com o desenvolvimento da civilização, o homem como caçador domesticou diversos animais, entre eles o cão (cientificamente denominado *Canis lupus familiaris*). Com o intuito inicial de ser um companheiro em caçadas, auxiliar no combate, ser utilizado como animal de tração ou mesmo incluído em rituais religiosos. Posteriormente, com sua total domesticação, o cão passou a ser animal de criação com fins de companhia ou trabalho de pastoreio.

¹⁵ Disponível em: <https://unicacorp.com.br/o-papel-do-cao-de-guarda-na-seguranca-patrimonial/> Acesso em: 02 out. 2021

¹⁶ De 1994 a 2000, Travis dirigiu o Instituto Nacional de Justiça, o braço de pesquisa do Departamento de Justiça dos EUA. (Tradução Livre). Disponível em:

<https://www.prosecution.org/jeremytravis> Acesso em: 02 out. 2021

¹⁷ Fonte: <https://nij.ojp.gov/speech/technology-criminal-justice-creating-tools-transformation>

¹⁸ “A história está mais cheia de exemplos de fidelidade de cães do que de amigos” (ALEXANDER POPE)



Figura 11: Cães como animais de tração¹⁹



Figura 12: Greyhound é a raça mais rápida entre os cães, porém a segunda no reino animal terrestre depois do guepardo²⁰

Nesse longo processo de domesticação, os cruzamentos entre diversas raças fizeram surgir outras, com propósitos específicos. Alguns com faro mais apurado, outros com capacidades reativas ou mesmo de caça. Existem cães que foram criados com o fim de participarem de corridas e competições.

As fontes divergem quanto aos precursores da utilização de cães policiais:

Segundo Silva (2003, p. 30), a França, no século XIV, foi a precursora, com um sistema de patrulhamento com cães e esporadicamente, como guarda de fronteira. Em 1886, o exército do Império Alemão instituiu o *Pastor Alemão* como cão utilizado no controle de manifestações, conduções de presos e rondas. Coube ao criador Max von

Stephanitz, um veterano do exército alemão, por volta de 1910, as primeiras experiências de uso dessa raça nas forças policiais alemãs, tornando-o símbolo até os dias de hoje.



Figura 13: O especialista do Exército dos EUA, Justin Coletti, de uma equipe de rastreadores de combate K-9, descansa com Dasty, um Malinois belga, em um campo de aviação no Afeganistão após uma missão noturna. (Tradução Livre)

Fonte: Fotografia: Romeo Gacad / AFP / Getty Images²¹.

Em outubro de 1907²², o Inspetor George R. Wakefield da Polícia de Nova Iorque, Estados Unidos da América viajou até a cidade belga de Gante para treinamentos, e retornou com 5 (cinco) cachorros. No dia 27 de janeiro de 1908, foi instituída a primeira unidade K9 deste departamento, chamada de *Patrol Squad 1*.

Conforme Silva (2003, p. 31), em 1935, a Inglaterra instituiu o emprego de cães nas *Forças Provinciais Britânicas*, inserindo-os também na *Polícia Metropolitana* de Londres com o intuito de combater um aumento nos índices criminais, devido entre outras coisas a escassez de policiais.

¹⁹ Disponível em: <https://pxhere.com/pt/photo/667654> Acessado em: 05 out. 2021

²⁰ Disponível em: <http://www.cadastracao.com.br/noticias/view/greyhound-e-a-raca-mais-rapida-entre-os-caesporem-a-segunda-no-reino-animal-terrestre-depois-do-guepardo> Acesso em: 03 out. 2021

²¹ Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/features/2017-08-28/military-dogs-are-becoming-an-increasingly-precious-weapon> Acesso em: 05 out. 2021

²² Disponível em: <https://hatchingcatnyc.com/2013/07/13/hero-police-dog-parkville/> Acessado em 24 jan. 2022.



Figura 14: Police dog pioneers²³

No mesmo ano a *Polícia Montada* do Canadá funda na cidade de Calgary uma unidade de policiamento com cães para patrulhamento em áreas rurais.

Somente nos anos 60 o trabalho desses cães foi estendido à detecção de narcóticos, explosivos, cadáveres e localização de suspeitos em áreas consideradas de risco.

A escolha de determinados cães para suas missões específicas precisa levar em conta suas habilidades.

Sakata explicita que as habilidades caninas se diferem de acordo com as raças, de forma a serem qualificados para missões específicas, podendo ser classificados como: “de patrulha, choque, guarda e faro” (SAKATA, 2015, p. 186).

O adestramento animal não exige somente tempo, mas muita paciência e noções básicas dos princípios de

aprendizagem. Como Segundo Parizotto (2013) as atividades realizadas pelos cães de segurança pública não são usuais de sua natureza, elas precisam ser aprendidas. E este aprendizado, segundo o próprio autor, está associado à capacidade desses cães de recordarem-se de eventos passados.



Figura 15: A memória dos cães²⁴

A base do treinamento canino divide-se em três formas de aprendizagem: habituação, sensibilização e o condicionamento clássico e operante (BROOM; FRASER, 2010).

As principais etapas do treinamento são as seguintes:

Entre 2 e 4 meses: os instrutores fazem exercícios e brincadeiras com a matilha para verificar as características e o desenvolvimento de cada filhote;

Entre 4 e 8 meses: os cães circulam em toda a área do canil. Nesta etapa, eles têm contato com a guia, para reconhecê-la como elemento de condução ao saírem para o mundo externo, e começam os exercícios de socialização, para que saibam se comportar na área externa;

Entre 8 e 10 meses: os cães saem para atividades externas (parques, áreas

²³ Disponível em: <https://british-police-history.uk/f/british-transport-dog-section> Acesso em: 03 out. 2021

²⁴ Disponível em: <https://meusanimais.com.br/memoria-caes-como-sabem-hora-comer/> Acesso em: 05 out. 2021.

comerciais, aeroportos) onde farão exercícios de faro;

Entre 10 e 12 meses: Continuam com mais intensidade os exercícios em áreas externas, agora com maior dificuldade. Além da localização de objetos, conforme o objetivo do treinamento, eles aprendem a superar obstáculos;

Após 12 meses: Os cães podem ser preparados para identificar explosivos, entorpecentes, armas e munições. O treinamento para esse trabalho é realizado com uso de caixas com os odores que eles deverão identificar nas buscas. Para isso, são estimulados a caçar a fim de serem recompensados com os motivadores – que são brinquedos como bolas e mordentes. Eles aprendem que ao encontrar e apontar para aquele cheiro, receberão uma recompensa, que é o brinquedo.



Figura 16: Filhotes de cães policiais em cursos de treinamento para um dia combater o crime²⁵.

Em associações com estes princípios, ferramentas são utilizadas para aumentar ou diminuir a frequência de determinado comportamento por parte do cão, sendo estas, o reforço e a punição,

²⁵ Disponível em:
<https://abcnews.go.com/Lifestyle/adorable-police-pups-train-fight-crime/story?id=54256097> Acesso em: 05 out. 2021

²⁶ Disponível em:
https://www.petlove.com.br/brinquedo-bola-de-borracha-macica-extra-forte-com-cravo-para-caes/p/destaque?sku=2605346&utm_source=google

ambas, em caráter positivo e negativo (AGOSTINI, 2012).

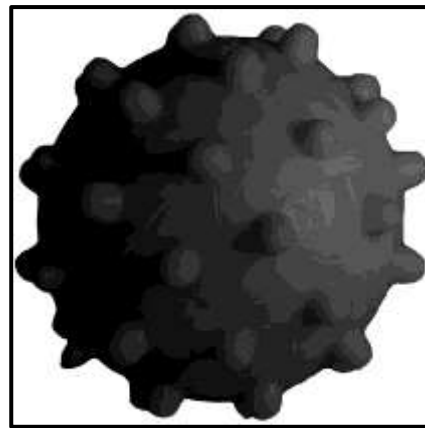


Figura 17: Brinquedo - Bola de borracha maciça extra forte com cravo para cães²⁶

Na forma de treinamento baseada no condicionamento clássico por aprendizagem de Pavlov, há a resposta do animal a um estímulo condicionado quando este é pareado com um estímulo incondicionado.



Figura 18: Ivan Pavlov e seu experimento clássico²⁷

De forma geral, o condicionamento clássico significa a substituição de estímulos; um estímulo, antes neutro, provoca uma resposta condicionada (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2014).

[&utm_medium=organic_shopping&gclid=CjwKCAjwhuCKBhADEiwA1HegORjFynsI7xI_k0qY2RjZnMiA8gDx0rm6Wvh2VMX-cQRXQpCxV5VVrRoCY1sQAvD_BwE](https://www.championdog.com.br/o-cao-de-pavlov/) Acesso em: 02 out. 2021

²⁷ Disponível em:
<https://www.championdog.com.br/o-cao-de-pavlov/> Acesso em: 30 set. 2021

Para que haja o aprendizado pelo condicionamento clássico, é importante que o estímulo condicionado preceda o estímulo não condicionado num intervalo de tempo muito curto (latência), pois se forem apresentados simultaneamente, a aprendizagem será mais lenta (PEREIRA, 2013).

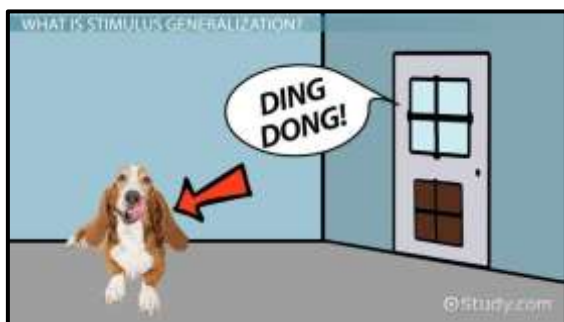


Figura 19: Generalização do estímulo: definição e explicação²⁸

Na base do adestramento canino, o condicionamento clássico é utilizado para manipular o estado de ânimo do cão e o condicionamento operante está associado com o ensino da técnica. O processo de aprendizagem envolve estímulo, comportamento e consequência.

No condicionamento operante ou instrumental, oferece-se uma recompensa ao animal com intuito de aumentar a probabilidade de um determinado comportamento acontecer. Sendo a recompensa boa, o cão terá maior motivação para repetir esse comportamento.

Um dos equipamentos que em muito facilita o processo aprendizagem é o “*clicker*”. Ele é um dispositivo, atualmente de plástico, que produz um som simples de “clique”. Sendo um marcador de comportamentos, esse som informa ao cão que a ação dele foi correta, criando um liame entre esta e a recompensa.



Figura 20: Clicker para adestramento e treinamento - Pets de cães Paradise²⁹

Totalmente baseado no reforço positivo, rapidez de resposta ao comportamento desejado é necessária para criar as conexões cognitivas de associação da recompensa com o comportamento desejado, essenciais para a aprendizagem.

Como o *clicker* é associado a recompensa, seu uso é simples e no momento do comportamento desejado, chama-se a atenção do cão, clica-se o aparelho e dá-se um petisco. Com a repetição, existe a associação do “barulho” à recompensa.

O *clicker* é um reforço secundário associado a um reforço primário. As vantagens do *clicker* é sua maior eficiência em comparação com um elogio falado, rapidez de associação, funcionando bem a distância, além de reduzir a necessidade de recompensas primárias (Rossi, 2002).

O processo de aprendizado do funcionamento do *clicker* é chamado no ambiente dos adestradores de “*carregar o clicker*”.

Em um ambiente silencioso e sem distrações, o adestrador simplesmente de posse do *clicker* e de petiscos, produz o som e imediatamente oferece um petisco ao cão. Ao

²⁸ Disponível em:
<https://study.com/academy/lesson/stimulus-generalization-definition-lesson-quiz.html> Acesso em: 05 out. 2021.

²⁹ Disponível em:
<https://www.magazineluiza.com.br/1-clicker-p-adestramento-treinamento-pets-de-caes-paradise/p/hfb4ck3b29/rc/rcnm/> Acesso em: 02 out. 2021.

término da recepção do petisco, o adestrador novamente produz o som e oferece outro petisco. A repetição é feita por diversas vezes, até que o cão associe o clique ao petisco. Normalmente leva-se entre oito a quinze repetições para que o cão faça a associação.



Figura 21: Petiscos para cachorro³⁰

Com o *clicker* carregado, a próxima etapa será adicionar ao som, o condicionamento operante desejado, afinal “Aprender não é um evento, mas sim um processo”³¹.

4. COMO SE DÁ O TREINAMENTO DOS CÃES DE FARO?

Independente da raça, o olfato do cão é considerado o seu maior e melhor sentido. Enquanto seres humanos podem identificar um máximo de 10.000 odores diferentes, um cão pode identificar 100 mil vezes esse valor. Em humanos, a mucosa olfatória ocupa uma pequena área no terço superior da cavidade nasal. A membrana olfatória humana tem superfície de, aproximadamente, 2,5 cm², enquanto no cão pode chegar a 150 cm².

Uma característica natural dos cães é o fato de seu nariz estar mais próximo do chão, onde os odores permanecem por mais tempo. Isso favorece a competência canina em comparação à capacidade olfativa dos humanos.



Figura 22: Dog nose³²

Inegável portanto ser muito mais útil um cão policial adestrado, com capacidade de identificar e otimizar o trabalho de busca, do que mobilizar todo um pelotão em uma varredura manual.

Estudos nessa área nos mostram que para serem farejadores de entorpecentes, os cães devem possuir pelo menos as seguintes características: “motivação; intensidade; discriminação de cheiros; socialização e habilidade em trazer de volta” (SAKATA, 2015, p. 186).

Após os treinamentos básicos, e diante da seleção dos animais, sejam por raça ou por especialidade ou habilidade, os treinamentos focados na detecção de odores passam a ser implementados.

Algumas características das unidades policiais onde esses cães serão utilizados também são levadas em consideração, uma vez que treinar o cão para sua missão-fim será mais útil do que ter um animal que possa atuar de forma menos intensa em vários odores diferentes.

Os *cães de faro* não têm nenhum interesse nas drogas em si. O imaginário popular muitas vezes faz com que desavisados acreditem que eles sejam viciados por seus treinadores ou algo do gênero. Muito longe disso. O que eles realmente procuram é o seu brinquedo favorito.

O início do programa de treinamento é justamente fazer o cão associar o odor dos narcóticos, dos mais diversos, ao brinquedo (muitas vezes uma bola) entregue

³⁰ Disponível em: <https://petgusto.com/melhores-petiscos-para-cachorro/>. Acesso em: 02 out. 2021.

³¹ Disponível em: <https://doggiedesigner.com/dog-training-quotes/>. Acesso em: 02 out. 2021.

³² Fonte: Disponível em: <https://www.theguardian.com/science/2016/dec/02/bomb-sniffer-works-better-with-fake-dog-nose-on-the-end>. Acesso em: 04 out. 2021.

pelo adestrador/operador como recompensa pelo achado.

Como uma das grandes características dos *cães de faro* é seu forte desejo em caçar, e como durante o treinamento são ensinados a encontrar o odor específico do narcótico, e somente são recompensados quando o encontram, compreendem que tudo não passa de uma grande brincadeira.



Figura 23: É brincando que se aprende!³³

Os treinamentos específicos de detecção de narcóticos através do faro são compostos por exercícios e técnicas específicas desenvolvidas para estes cães, e por simulações de situações reais com as quais os policiais se deparam durante o trabalho.

Essa interação com o meio ambiente é necessária pois somente apresentando aos cães toda a diversidade de sons, situações, lugares e obviamente diversidade de cheiros nos ambientes operacionais que estes animais trabalharão após o adestramento, pode-se testá-lo e realmente reconhecer quando ele estiver pronto.

Se o treinamento não for o mais próximo do real, corre-se o risco de o cão distrair-se e não conseguir focar no objetivo de seu trabalho, o farejo de entorpecentes.

Esta rotina de treinamentos muitas vezes é interrompida por missões reais, e o *Binômio* se desloca então para o ambiente operacional através de um chamado ou mesmo uma operação planejada. É preciso estar sempre pronto.

Duas coisas são extremamente importantes durante a fase de treinamento. As constantes avaliações de rendimento e estudo de casos, muitas vezes com a confecção de um diário de treinos, e o contato com o mundo externo, onde o cão é testado em sua socialização e capacidade de discernir os mais diversos odores.



Figura 24: Detection Dogs in American Kennel Club – Government Relations Department³⁴

A integração com outros binômios também é um ponto importante, onde os colegas avaliam o trabalho uns dos outros, sejam em cursos, seminários ou mesmo no treinamento interna *corporis* da unidade. A hierarquia do conhecimento nesses casos é mais levada em consideração do que possíveis posições hierárquicas da estrutura do organismo policial, pois “ótimos treinadores de cães têm habilidades amplas, não ideologias inflexíveis” (RALF WEBER)³⁵

³³ Disponível em:
<https://www.frasesdobem.com.br/frases-sobre-brincar> Acesso em: 05 out. 2021

³⁴ Disponível em:
<https://akcgr.org/akc/detectiondogs?0> Acesso em 04 out. 2021.

³⁵ Disponível em:
<https://www.happydogtraining.info/dog-training-quotes/> Acesso em 02 out. 2021.

5. O TREINAMENTO DO CINOTÉCNICO E DO OPERADOR DE CÃES

O cão policial tratado como verdadeiro “representante da lei”, deve possuir instalações próprias, tratamento diferenciado, alimentação regrada, constante avaliação veterinária e ser treinado e empregado quase **sempre pelo mesmo policial**. Todo o treinamento se dá tal qual o equestrianismo, sob a forma de um binômio: cão/homem, seja no treinamento, seja em sua atividade fim.

A isto chamamos internacionalmente de *Unidade K9*.

O Binômio

O binômio é a unidade de policiamento composta pelo policial e seu cão quando em treinamento ou trabalho, atuando em unidade, como se fossem um só.



Figura 25: Oficial Levi Knach e seu parceiro Kenobi – Polícia Ambiental de Indiana³⁶

Mas o *binômio* não se faz apenas com a união física entre o policial e o cão de

trabalho no desempenho de uma tarefa. Ele é construído a partir de uma série de fatores, como o treinamento constante e a parceria entre o homem e o animal. É a busca por uma intimidade comunicativa que torna mais eficiente o trabalho do policiamento com cães.

Existem basicamente duas vertentes de treinamento quando se estabelece o conceito de binômio. Uma delas diz que é necessário que os binômios possam ser formados por qualquer combinação possível entre policiais da unidade e todos os cães ali presentes.

Este discurso se adequa a uma estratégia de otimização da eficiência da unidade policial como um todo, e se contrapõe à ideia de binômios fixos, onde cada policial trabalha especificamente com seu cão.

Os que defendem a ideia do binômio variável sustentam que quando um policial trabalha apenas com um cão, fica limitado em sua capacidade de trabalhar com outros cães diferentes.

Para compreender como se dá o trabalho do policial humano que conduzirá e trabalhará com o cão, é preciso primeiro compreender alguns termos específicos da área.

Cinotecnia³⁷ segundo o *Dicionário online de Português*, é a análise detalhada das raças caninas, especialmente com o propósito de entender o comportamento dos cães para os treinar. Sua etimologia deriva da junção do prefixo *cino* (cão) e o sufixo *tecnia*, (arte) significando ofício ou técnica.

³⁶ Disponível em: <https://www.today.com/pets/kenobi-k-9-kisses-police-officer-official-paw-trait-t108116> Acessado em: 05 out. 2021.

³⁷ Cinotecnia. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cinotecnia/>



Figura 26: Distintivo do Curso de Cinotecnia da PMESP³⁸

Cinotécnico³⁹ portanto é o especialista em Cinotecnia, relativo ao emprego e treino de cães em tarefas especializadas, conforme o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*.

Os cursos de formação de cinotécnicos policiais ainda **não estão baseados em uma programação ou doutrina nacional**. Cada organização policial segue seus próprios parâmetros ou se utiliza dos parâmetros estipulados pelas coirmãs que cederam vagas em seus cursos a policiais de outros estados. Muitas vezes esses cursos são construídos levando em consideração os orçamentos existentes, e não suas demandas mínimas necessárias.

Em muitos casos os chamados cursos de Operadores ou de *Operações com Cães* são versões enxutas dos cursos de maior duração, com o objetivo de introduzir conhecimento na tropa, e fazer com que estes policiais possam ser admitidos na Unidade Especializada, e uma vez lá dentro, serem qualificados internamente.

Segundo Prado e Soares (2014), “quem se propõe ao trabalho com cães, deve possuir as seguintes qualidades, ou então cultivá-las de modo positivo:

a) Gostar de cães - inclusive de realizar sua higienização;

b) Inteligência - Já ficou positivado que uma pessoa de QI baixo, não será um bom cinófilo;

c) Paciência e Perseverança – Um cão não pode ser forçado a ter um comportamento desejado pelo cinófilo, nem este deverá esperar que o animal tenha a capacidade de compreensão idêntica ao do homem. O cinófilo deverá ser paciente e perseverante em cada exercício até vê-lo realizado com êxito;

d) Coordenação Física e Mental – Um bom cinófilo deverá ser capaz de transmitir seus comandos não só através de gestos e movimentos do corpo mas, também, de viva voz. Isto requer grande coordenação física e mental;

e) Robustez – Não basta o cinófilo possuir boa coordenação. Ele deverá também ser capaz de resistir um esforço tão prolongado quanto o necessário. Durante os períodos de adestramento o cinófilo **deverá estar em condições de sobrepujar o seu cão em resistência física**;

f) Iniciativa – Embora o modo de proceder durante o treinamento esteja regulamentado, é inevitável surgirem situações ainda não previstas. O cinófilo deverá ser capaz de enfrentar essas situações com êxito;

g) Dedicção – A integridade do cão fica inteiramente entregue ao cinófilo. Os cães não têm meios para reclamar o tratamento que recebem e seu estado físico depende principalmente, do grau de dedicação com que os cinófilos executam as tarefas de manutenção dos canis (aí incluído o esgotamento de dejetos), higiene e alimentação dos animais, tantas vezes quantas forem necessárias. Uma falha nessas obrigações significará em prejuízo no programa de adestramento;

h) Confiança – Uma vez que os cães poderão vir a ser escalados para a guarda de locais importantes, é imperativo que o cinófilo inspire confiança irrestrita;

i) Observador e Detalhista - A base do adestramento é o detalhe, se o cinófilo não exigir de si e do seu cão tal rigor, o êxito do adestramento não será atingido com a perfeição esperada, e ainda, possuir um alto

³⁸ Fonte: Disponível em: <http://medalhisticamilitarpaulista.blogspot.com/2012/06/distintivo-do-curso-de-cinotecnia-da.html>
Acesso em: 05 out. 2021.

³⁹ Cinotécnico. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/cinot%C3%A9cnico>

grau de observação, em todos os instantes ter a atenção voltada para o seu cão e tudo mais que esteja a sua volta, para evitar influências negativas ou transtornos no trabalho a ser realizado. Ter a mente aberta para compreensão e o aprendizado, que leva sua vida inteira (tanto do adestrador, quanto do cão), pois cada cão é uma nova experiência, um novo processo a ser avaliado e trabalhado, sempre há uma novidade.

Como disse Dwight Eisenhower (34º Presidente dos Estados Unidos), “O que conta não é necessariamente o tamanho do cão na luta; é o tamanho da luta no cão” (Tradução Livre)⁴⁰.



Figura 27: Brevê do Curso de Condução de Cães Farejadores de Narcóticos e Explosivos⁴¹

6. AS RAÇAS DE CÃES MAIS ADEQUADAS AO TRABALHO DE FARO

Através do emprego dos cães policiais, com sua capacidade olfativa milhões de vezes mais precisa que a do ser humano, que a resposta por parte da polícia pode ser mais rápida no combate ao crime de tráfico de drogas. Mas somente essa característica não é o único atributo levado em consideração quando da escolha de que modal utilizar.

Segundo Sakata (2015, p.186), “para serem farejadores de entorpecentes, os cães devem possuir as seguintes características:

“motivação; intensidade; discriminação de cheiros; socialização e habilidade em trazer de volta”.

A busca por entorpecentes, sejam eles escondidos em veículos, estruturas, contêineres de transporte ou mesmo dentro de uma cela de presídio, exige do cão não somente estrutura física que o permita realizar a tarefa à altura, sem cansar-se em demorado, mas manter também a motivação como se tudo não passasse de uma gostosa brincadeira. Afinal, o prêmio final por encontrar o entorpecente, muitas vezes é uma “bolinha” que associa a conquista da localização do item ao fato de poder brincar com uma bola ou mesmo um mordedor.

Autores como Fred Helfers (2005) acrescentam ainda que se faz necessário observar requisitos como raça, idade, maturidade, ímpeto na recuperação de objetos, compatibilidade e intensidade do faro.

A doutrina internacional, através do *Quartel General do Departamento do Exército Norte-americano* (2019), destaca que o cão detector de drogas bem treinado é um dos meios mais eficientes para detectar o transporte, comércio e uso de drogas. A maioria dos cães do Exército detectores de narcóticos também o são de patrulha, portanto, qualificados como cães de patrulha/detector de narcóticos.

É necessário também levar em consideração que o meio ambiente em que o cão irá operar influencia no tipo de raça que terá melhor desempenho. Dadas as características desse trabalho, o animal deve ser dinâmico, de tamanho médio e flexível, de forma a conseguir escalar ou transpor um obstáculo sem grandes dificuldades.

Sobre as raças que possuem as melhores características correspondentes ao serviço de farejo, Sakata (2015, p.187) aponta: “o *Labrador Retriever*, *Bloodhound*, *Pastor Alemão*, *Golden Retriever*, *Pastor Belga* e *Beagle*”.

⁴⁰ Disponível em: <https://dogtime.com/dog-health/general/16344-25-famous-quotes-about-dogs>
Acesso em: 02 out. 2021.

⁴¹ Disponível em:
<https://www.arquivo.patosnoticias.com.br/noticia/1>

[9059-militares-qualificam-se-em-curso-de-conducao-de-caes-farejadores-de-narcoticos-e-explosivos](#)
Acesso em: 05 out. 2021



Figura 28: Pastor Belga Malinois⁴²

A raça dos cães pode variar em muito, dependendo das diferentes regiões, de aspectos ambientais e da própria disponibilidade das raças. A raça ideal será aquela em que a habilidade do faro seja altamente instintiva, associada a um ímpeto intenso para brincar e recuperar objetos. Praticamente todas as raças esportivas de cães pertencem a essa categoria, muito embora predominem animais como o *Labrador Retriever*, o *Golden Retriever* e o *Pointer Alemão* de pelo curto. Além disso, os cães empregados em atividade policial em geral, como *Pastores Alemães* e *Pastores Belgas Malinois* revelam a sua eficácia no campo da detecção de drogas. (HELFERS, 2005, p. 7).

O *Pastor Belga Malinois* é dotado de uma grande e célere capacidade de aprendizagem, com grande versatilidade mental e interpretação. É ágil e capaz de passar do estado de inatividade ao de reação em segundos. Concentrado e corajoso, determinado e destemido, atento, vigilante e sociável. Essas são algumas das características dessa raça que vem se tornando nos últimos anos, a preferida no trabalho policial, por agregar a possibilidade de também agir como cão de patrulha e guarda, pois sua excelente robustez física, boa capacidade de impulsão, enorme velocidade e destreza física, grande resistência à fadiga e forte aptidão ao trabalho

sob condições adversas, fazem desta raça o modelo K9 perfeito.

7. AS DOENÇAS E ENFERMIDADES MAIS COMUNS NOS CHAMADOS "CÃES PASTORES"

Os chamados “cães pastores” possuem excelente vigor físico e notável resistência, mas podem ser acometidos por algumas doenças hereditárias (genéticas), e biomecânicas, provocadas pelo manejo e ambiente onde vivem.

A tendência às enfermidades biomecânicas pode estar diretamente relacionada ao ambiente e manejo, pelo fato desses cães serem muito requisitados, com maior exigência de trabalho, exercendo inúmeras outras funções além de suas tarefas tradicionais (instinto de pastoreio).

As enfermidades mais comuns que acometem esse grupo de cães são:

- Megaesôfago;
- Doença de Von Willebrand;
- Displasia Coxofemoral;
- Displasia do Cotovelo;
- Piodermite;
- Mielopatia Degenerativa;
- Atrofia Acinar Pancreática;
- Pannus da córnea;
- Epilepsia idiopática.

O termo megaesôfago é utilizado como referência a dilatação generalizada do esôfago, geralmente secundário à um distúrbio neuromuscular, resultando no esôfago aperistáltico, contribuindo para o acúmulo de alimentos e consequentemente provocando a dilatação do órgão. A *síndrome*

⁴² Disponível em:
<https://www.vetsmart.com.br/cg/raca/17021/pastor-belga-malinois> Acesso em: 05 out. 2021.

do *megaesôfago* ocorre quando há dilatação patológica do esôfago causada por origens diversas, sendo primária (forma congênita, idiopática ou adquirida) ou secundária (obstrução esofágica ou disfunção neuromuscular). As afecções primárias de forma adquiridas ou congênitas têm sido citadas como predisposições hereditárias, em algumas raças, como o *Pastor Alemão* (SILVIA, 2019) e as possíveis causas das afecções secundárias são citados a polimiosite, hipoadrenocorticismismo, hérnia de hiato, cinomose e miastenia grave. De todos os sinais clínicos apresentados o mais frequente é a regurgitação, que leva a quadro de perda de peso e caquexia (PIMENTEL *et al*, 2000). Outros sinais como odinofagia, disfagia, salivação, mudanças no apetite (um apetite voraz nos distúrbios da motilidade, ou redução do apetite nos distúrbios inflamatórios), tosse, respiração ofegante e cianose. Em casos mais graves, pode ocorrer febre, geralmente indicando uma pneumonia por aspiração secundária.



Figura 29: Exame radiográfico contrastado de esôfago de canino macho, pastor canadense, dois meses de idade, com vista lateral esquerda mostrando dilatação esofágica cranial à base cardíaca (seta)⁴³.

A *Doença de Von Willebrand* (DvW) é um distúrbio hereditário hemostático mais comum em cães (MATTOSO, 2010), sendo prevalente em algumas raças como os *Pastores Alemães* (OLIVEIRA *et al*, 2009). Nesse distúrbio o tempo de coagulação é maior, porém com a concentração de plaquetas normal, sendo esta a característica mais importante da enfermidade. Essa moléstia é

provocada por decréscimos no nível do fator de von Willebrand (vWF) (OLIVEIRA *et al*, 2009), por um defeito genético qualitativo / quantitativo, sendo esse fator uma glicoproteína, multimérica de alto peso molecular, essencial na adesão e agregação plaquetária (na formação do tampão plaquetário) ao colágeno do subendotélio vascular exposto em áreas onde sua integridade foi perdida, causando uma hemorragia mais prolongada (MATTOSO, 2010). Há casos assintomáticos e sintomáticos. Os sinais clínicos normalmente estão associados às hemorragias espontâneas de superfície de mucosas, como gengival e nasal. Podem também apresentar sangramento em fezes, urina e vagina. Outros sinais como hematomas, sangramento prolongado após cirurgia ou lesão, e anemia podem ser observados. De acordo com Dalmolin (2017), as hemorragias são as principais complicações da DvW, que dependendo do grau e local podem levar a anemias graves, hipóxia tecidual, hipovolemia, hipoproteinemia ou comprometimento de sistemas como SNC ou urinário.

A *Displasia Coxofemoral* é uma alteração ortopédica do desenvolvimento, comum em cães de grande porte, sendo frequente em cães *Pastores Alemães*, caracterizada pelo achatamento da cabeça do fêmur, arrasamento do acetábulo, subluxação ou luxação coxofemoral, uni ou bilateral, e alterações secundárias da articulação (TORRES *et al*, 1999). Segundo Rocha *et al* (2008), é uma alteração com forte determinação genética, recessiva, intermitente, poligênica, quantitativa, multifatorial e extremamente complexa, que frequentemente resulta em alterações degenerativas irreversíveis, sendo classificada em cinco graus (de acordo com as características radiográficas encontradas). Alguns fatores quando associados à hereditariedade agravam a displasia, como

⁴³ Disponível em:
<https://www.conhecer.org.br/enciclop/2016b/agrarias/megaesofago.pdf> Acesso em: 10 out. 2021.

nutricionais, biomecânicos e de meio ambiente.

Rocha *et al* (2008) cita que os achados clínicos podem ter muitas variações, de animais assintomáticos à sintomáticos. Os sinais mais comumente encontrados são a claudicação (uni ou bilateral), diminuição da amplitude dos movimentos, anormalidade ao andar (bamboleante), dor, dorso arqueado, atrofia muscular em membros pélvicos, peso corporal deslocado em direção aos membros torácicos e com rotação lateral desses membros, dificuldade em levantar e deitar.



Figura 30: Displasia coxofemoral canina. Desencaixe da articulação de membro posterior esquerdo, grau moderado a severo em filhote de Pastor Alemão, 7 meses.

Fonte: Clínica de imagem - Imaginologia Veterinária na Barra da Tijuca/RJ – Dr. Antônio Vinícius Avelino de Souza CRMV-RJ 6472

A *Displasia de Cotovelo*, assim como a *Displasia Coxofemoral*, é uma afecção poligênica, a qual tem seu desenvolvimento influenciado por fatores hereditários, biomecânicos ou congênitos. Segundo Boos (2012), os animais mais acometidos são os jovens de médio a grande porte e o termo *Displasia de Cotovelo* é utilizado atualmente para descrever afecções relacionadas ao

desenvolvimento da articulação do cotovelo canino, como a incongruência articular (IA), fragmentação do processo coronóide medial da ulna (FPCM), não-união do processo ancôneo (NUPA) e osteocondrite dissecante (OCD) as quais podem surgir isoladamente ou combinadas, desencadeando a osteoartrose de cotovelo como lesão secundária. Embora sua etiologia seja desconhecida, a osteocondrose e a incongruência articular são citadas. De acordo com Pedrottil *et al* (2015), os sinais clínicos podem aparecer entre quatro a seis meses de vida, porém são típicos de animais jovens com cinco meses. Sinais como claudicação que normalmente piora com exercício, podendo ser bilateral, o que pode gerar desinteresse do animal por exercícios prolongados. Sintomas sutis ou até mesmo assintomáticos podem ser vistos em cães em estágios iniciais, sendo frequentemente a forma bilateral (BOOS, 2012).



Figura 31: Imagem tomográfica no plano sagital, evidenciando incongruência radioulnar (seta preta).

Fonte: <https://doi.org/10.1590/S0100-736X2017000200011> Acesso em: 26 out. 2021.

A *Piodermite* é uma infecção bacteriana da pele sendo uma das mais frequentes na dermatologia veterinária em cães. Segundo Silva e Rolan (2014), as raças puras de *Pastores Alemães* são predispostas, porém há uma condição similar em cães mestiços e outras raças de pastoreio.

Segundo Hnilica (2012), essa infecção pode ser superficial (envolvendo folículos pilosos e epiderme adjacente) ou profunda (quando há rompimento dos

foliculos pilosos), e geralmente é secundária à processos alérgicos, seborreicos, endocrinopatias, imunodeficiências e infestação por ectoparasitas. Rhodes e Werner (2014) acrescentam como fatores predisponentes, os traumatismos, fatores físicos (como falta de higiene) e tratamento antibacterianos inapropriados. E Silva e Rolan (2014) citam ainda que peles com microbiota alterada com exposição crônica à umidade são frequentemente afetadas. O principal patógeno causador é o *Staphylococcus pseudintermedius*. Essas afecções de caráter superficial causam prurido (variável), alopecia, pápulas, pústulas, escoriações, eritema, escamas (multifocais ou generalizadas), crostas, hiperpigmentação e hiperqueratose. Nas piодermites profundas observa-se a presença lesões cutâneas focais, multifocais ou generalizadas, caracterizadas por pápulas, pústulas, celulite, descoloração tecidual, alopecia, erosões, úlceras, crostas, bolhas hemorrágicas, fístulas serossanguinolentas ou purulentas (furunculose), frequentemente acompanhadas de prurido e dor. A furunculose é comum em cães *Pastores Alemães* de meia-idade, de ambos os sexos, se apresentando como um quadro grave, idiopático, com múltiplas lesões cutâneas profundas (SILVA e ROLAN, 2014), com baixas respostas a antibioticoterapias e muito recidivantes (RHODES e WERNER, 2014).



Figura 32: (A) Hiperpigmentação associada a alopecia e descamação acometendo região da face; (B) Alopecia, hiperpigmentação, crostas e eritema em região do dorso⁴⁴

⁴⁴ Disponível em:
<https://actabiomedica.com.br/index.php/acta/article/view/202> Acesso em: 26 out. 2021.

A *Mielopatia Degenerativa* é um distúrbio que atinge a medula espinhal dos cães, inicialmente descrita em cães *Pastores Alemães*, de caráter neurodegenerativo, ascendente e progressivo, sem predileção por sexo, afetando animais entre cinco e nove anos de idade (SANTOS *et al*, 2020). Appel *et al* (2015) relata ser de etiologia desconhecida, causado pela desmielinização das fibras dos tratos longos da medula espinhal. Atualmente suspeita-se de causa imunomediada (GUZZI *et al*, 2014). Os sinais clínicos principais são paraparesia progressiva e assimétrica de neurônio motor superior, ataxia proprioceptiva em membros pélvicos e ausência de dor na palpação epaxial (APPEL *et al*, 2015). Guzzi *et al* (2014) cita que sintomas iniciais de ataxia e paresia dos membros pélvicos, diminuição ou ausência proprioceptiva consciente, hiperreflexia e dismetria são observados. E com a evolução clínica, membros torácicos podem ser afetados, flacidez, tetraplegia e atrofia muscular generalizada. Membros torácicos podem ser afetados e levar à graves perdas de contração dos músculos respiratórios (intercostais e diafragma).



Figura 33: Pastor Alemão com Mielopatia degenerativa⁴⁵

Atrofia Acinar Pancreática é uma das doenças crônicas que afetam o pâncreas, sua porção exócrina (especificamente o tecido acinar), levando à insuficiência pancreática

⁴⁵ Disponível em:
<https://www.revistaveterinaria.com.br/mielopatia-degenerativa-em-caes/> Acesso em: 15 out. 2021

exócrina, sendo aproximadamente 50% da causa dessa patologia (VELASQUEZ, 2017). Doença de caráter hereditário em cães da raça *Pastor Alemão* e tem se observado evidências que sua patogênese seja autoimune, provavelmente mediada por linfócitos T (ALMEIDA *et al*, 2011). A porção exócrina do pâncreas tem a função principal de secreção de enzimas digestivas e outras substâncias que facilitam a digestão e a absorção de nutrientes provenientes da dieta, além de secretar hormônios que regulam o metabolismo. Almeida *et al* (2011) cita que nessa patologia há uma incapacidade na secreção de enzimas digestivas em decorrência das células do tecido acinar estarem rarefeitas ou ausentes, causando uma má digestão e absorção e Velásquez (2017) cita que os sinais clínicos estão relacionados, pois, se tem menor concentração de enzimas pancreáticas intraduodenais. Os sinais clínicos normalmente aparecem em cães entre um e cinco anos de vida, com esteatorréia (ALMEIDA *et al*, 2011). Outros sintomas são relatados como apetite voraz, coprofagia, polifagia, atraso no crescimento, emagrecimento, diarreia crônica com aumento de volume, e até a forma subclínica (VELASQUEZ, 2017).



Figura 34: Atrofia Acinar Pancreática. Cão, fêmea da raça Pastor Alemão, apresentando caquexia⁴⁶

⁴⁶ Disponível em:
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=289022038013>
Acesso em: 27 out. 2021

O *Pannus da Córnea* ou *Ceratite Superficial Crônica* ou *Pannus Degenerativo*, também conhecido como *síndrome de Überreiter* é uma doença da córnea progressiva, inflamatória, possivelmente imunomediada, que acomete cães, principalmente *Pastores Alemães*, sugerindo uma predisposição genética (LIMA e SOUZA, 2015), sendo reconhecido o termo *Pannus do Pastor Alemão* (LAUS e ORIA, 1999). Se caracteriza pela progressiva proliferação fibrovascular inflamatória na córnea. Lima e Souza (2015) relatam que os sinais clínicos normalmente aparecem entre um e seis anos de idade, normalmente bilaterais e assimétricas, com proliferação fibrosa rósea muito vascularizada, pigmentação (melanose corneana), e opacificação (nebulosidade) da córnea. Essas alterações na córnea podem levar a cicatrizes e podem evoluir para deficiência visual severa ou cegueira em casos graves. E alguns animais apresentam um espessamento e pigmentação da superfície palpebral, da terceira pálpebra e pigmentação da conjuntiva bulbar adjacente à lesão (Lima e Souza, 2015). A incidência e a severidade da doença foram relacionadas a cães que habitavam em elevadas altitudes, acredita-se, portanto, que a exposição aos raios ultravioleta pode exercer um papel na patogênese da doença (LAUS e ORIA, 1999).



Figura 35: Pannus grau I(1), grau II(2) e grau III(3)⁴⁷

A *Epilepsia* é um distúrbio neurológico crônico, comum em cães, caracterizada pela ocorrência de convulsões espontâneas e normalmente recorrentes (COONHEZE *et al*, 2021). O termo “*epilepticus*” é utilizado quando as crises

⁴⁷ Disponível em:
<http://oftalmologiavet.blogspot.com/2014/10/ceratitis-superficial-cronica-pannus.html>
Acesso em 15 out. 2021

consecutivas duram um tempo superior a cinco minutos ou se nas convulsões repetidas o animal não recupera totalmente a consciência. Segundo Coonheze *et al* (2021), a epilepsia idiopática é causada por problema funcional hereditário do cérebro, tendo predisposição por algumas raças, como os *Pastores Alemães*. Vianna e Vahia (2014) citam que todas as desordens convulsivas que não podem ser associadas com patologia microscópica são incluídas à epilepsia idiopática. Os sinais clínicos mais observados são perda da consciência, crises generalizadas, presença de característica tônica-clônica, salivação e micção (VIANNA e VAHIA, 2014).

Os *Pastores Belgas de Malinois*, como fazem parte do grupo de “*cães pastores*”, costumam ter uma boa saúde e também possuem a predisposição às mesmas enfermidades citadas.

O rígido controle de saúde imposto aos criadores da raça, em especial ao controle de cruzamentos com rastreamento de plantel, torna o *Malinois* também uma das raças mais sadias.

Sendo uma raça saudável e com características peculiares, como qualidades físicas (vigor, agilidade e versatilidade) e excelente farejador, é conhecido como a “*Ferrari dos cães*”.

Além das enfermidades descritas do grupo de “*cães pastores*”, entre os *Pastores Belga de Malinois*, podemos citar: Atrofia progressiva da retina e a sensibilidade à anestesia

A atrofia progressiva da retina é uma doença ocular na qual ocorre a degeneração dos fotorreceptores (na parte posterior do olho), de maneira progressiva, comprometendo a visão do animal e eventualmente levando à cegueira. É enfermidade bilateral, hereditária, frequentemente associada à catarata (GOMES *et al* 2013). Não é uma doença específica ao *Pastor de Malinois*, mas tem sido citada entre criadores respeitáveis, os quais têm o cuidado de anualmente certificar os olhos de seus animais à um oftalmologista veterinário.

A sensibilidade à anestesia está diretamente relacionada ao percentual de musculatura e gordura corporal, quando há um percentual marcante entre as duas, independente da raça do animal, a sensibilidade será maior. Porém como os *Malinois* possuem muita musculatura e pequeno percentual de gordura devido à genética, biomecânica e manejo, esses cães ficam mais susceptíveis aos anestésicos. Por esse motivo costuma ter uma taxa mais alta de morte quando comparados à média.

Os *pastores de Malinois*, como todas as raças são propensos às enfermidades hereditárias, mas cabe lembrar que nem todos terão uma ou todas essas doenças. Sendo de grande importância o conhecimento delas, para que se tenha um manejo saudável e preventivo.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os *cães de faro*, reconhecidamente, e até mesmo pelo senso comum, são instrumentos poderosos para a redução da oferta de drogas ilícitas presentes no mundo contemporâneo. Eles são empregados por quase todas as instituições de segurança pública e privada, a depender dos recursos para sua obtenção, instalação, treinamento, cuidados médico-veterinários e, mais que tudo, pessoal habilitado para tanto.

Como em outras áreas da atividade humana, o treinamento de cães e cinotécnicos pode ser bastante díspar, a começar da questão já citada de recursos, o mais envolvente de todos eles – recursos financeiros. Isso parece suscitar uma questão transcendente, já que os malefícios sociais e econômicos, para citar apenas dois, são verdadeiramente uma questão de estado.

O treinamento de cães de faro, apesar de bem conhecido em seus fundamentos, não obedece a padrões pré-determinados por nenhuma instância certificadora, tal qual em outros países – é algo por fazer. Associa-se a isso o fato que o cão funciona enquanto parte de um binômio e, tal qual na questão do treinamento de cães,

não existem padrões pré-determinados para certificação do componente humano do binômio, assim como uma organização específica para tal fim.

A questão das raças mais apropriadas é bastante ampla, considerando não apenas o que se espere de um “cão de faro” com características especificamente policiais, tal qual robustez. Igual que acontece com toda expressão de vida no reino animal, os cães de faro, pastores mais especificamente, estão susceptíveis a uma série de patologias próprias da raça.

Certamente que pesquisas adicionais precisam ser realizadas sobre um tema de tamanha importância e relativamente pouca literatura especializada.

Mais que tudo, vale o truísmo de que um bom cão de faro seja aquele capaz de melhor farejar, o que parece não apontar nenhuma raça específica como “a melhor”, mas sim indivíduos de diferentes raças que sejam capazes de fazer o trabalho nos níveis de eficiência desejada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, P.R.; BANDINELLI, M.B.; BOOS, G.; OLIVEIRA, E.C.; PAVARINI, S.P.; DRIEMEIER, D. – **Descrição de quatro casos de atrofia do pâncreas exócrino em cães**. Acta Scientiae Veterinariae, vol. 39, núm. 3, 2011, pp. 1-5 Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=289022038013> . Acesso em: 24 jan. 2022.

APPEL, R.L. ; Domingos, M.H.; DALL'OLIO A. J.; WOLF M.; BURNIER, J.J.P.; GONÇALVES, T. **Diagnóstico de Mielopatia degenerativa em Pastor belga: Relato de caso**. Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP, v. 13, n. 2, p. 71-72, 10 nov. 2015. Disponível em: <https://www.revistamvez-crmvsp.com.br/index.php/recmvz/article/view/28187/29625> . Acesso em: 24 jan. 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA DO EXÉRCITO BRASILEIRO. **Apostila de Cinotecnica**. 2ed., 103p. Osasco, São Paulo, 2014.

CONSTANZA, Giovani Santos. **Atualização do cão no atendimento de ocorrências de alto risco pela Polícia Militar de Santa Catarina e acordo com a doutrina de gerenciamento de crise**. 2008. 60 f. Monografia (Bacharelado em Segurança Pública) - Universidade do Vale do Itajaí, Florianópolis, 2008.

COONHEZE, L.; RIBEIRO, R.M.; RIBEIRO, D.S.F. – **Epilepsia idiopática em cães**. 2021 Disponível em: <https://publicacoes.unifimes.edu.br/index.php/coloquio/article/view/1012> . Acesso em: 24 jan. 2022.

DALMOLIN ML, LASTA CS, LACERDA LA, CAMARGO V, COPUTINHO ML, VAZ JUNIOR IS. **Doença de Von Willebrand tipo 1 grave em cão da raça São Bernardo – Apresentação clínica e perfil de hemostasia**. Vet. e Zootec. 2017 mar.; 24(1): 114-119.

GOMES, D.; OTOSUKI, D.A.; LISAK, R.; SAFATLE, A.M.V. **Atrofia progressiva generalizada da retina em cães da raça Cocker Spaniel**. Ciência Rural [online]. 2013, v. 43, n. 8 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-84782013005000101> Acesso em: 24 jan. 2022.

GUAGNIN, M., PERRI, A. R., & PETRAGLIA, M. D. **PreNeolithic evidence for dog-assisted hunting strategies in Arabia**. 2018. Journal of Anthropological Archaeology, 49,225-236. doi:10.1016/j.jaa.2017.10.003

GOMES, Cinério Gonçalves. **Análise do emprego operacional da companhia PM independente de policiamento com cães, canil, na região metropolitana de Belo Horizonte**. Trabalho de pesquisa apresentado como requisito para a obtenção do título do Curso de Especialização em Segurança Pública (CESP 2011) através de convênio da Academia de Polícia Militar com a Fundação João Pinheiro. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <http://monografias.fjp.mg.gov.br/bitstream/123456789/1816/1/An%C3%A1lise%20do%20em%20prego%20operacional%20da%20companhia%20PM%20independente%20de%20policiamento%20com%20c%C3%A3es.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2022.

HEADQUARTERS Department of the Army. **Military working dog program**. Army regulation: 190-12. US: Washington (DC). Out., 2019.

HELPER, Fred. **Regras e Diretrizes de Certificação para Cães Farejadores de Narcóticos**. Polícia do Noroeste do Pacífico, 2005.

HNILICA, K.A. **Dermatologia de Pequenos Animais: Atlas colorido e Guia Terapêutico** – 3ed – Rio de Janeiro, 2012, p.41 – 51.

LAUS, J.L.; ORIÁ, A.P. **Doenças corneanas em pequenos animais** - Revista de Educação Continuada do CRMV-SP / Volume 2. Fascículo I. I). p.26 - 33. (1999).

Disponível em: <http://www.pubvet.com.br/artigo/2283/pannus-do-pastor-alematildeo-revisatildeo-de-literatura>

LIMA, A.M.V.; SOUZA, J.H. **Pannus do Pastor Alemão: revisão de literatura** – Pubvet v.9 nº10 p.429-466(2015). Disponível em: <https://www.pubvet.com.br/artigo/2283/pannus-do-pastor-alematildeo-revisatildeo-de-literatura> Acesso em: 24 jan. 2022.

MACHADO, L. L. M. **Alterações comportamentais e fisiológicas em cães detectores de droga e explosivo após confinamento em caixas de transportes: Influências do estresse no desempenho**. 2013, 78 p. Dissertação (Mestrado em Ciências do Comportamento) – Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, 2013.

MATOSO, Cláudio Roberto Scabelo. **Doença de von Willebrand em cães: estudo da prevalência e caracterização da doença em cães normais e fêmeas durante o ciclo estral, gestação e lactação**. 2010. 108 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/104660> Acesso em 24 jan. 2022.

OLIVEIRA, G. H. R., SACCO, S. R., ZAPPA, V. **Trombocitopenias**. *Revista Científica eletrônica de Medicina Veterinária*. 2009. Disponível em: <
http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/JJNV10Q9mRyFUXE_2013-6-21-16-11-8.pdf> Acesso em: 24 jan. 2022.

PARIZOTTO, W. **Parâmetros técnicos para a aprendizagem dos cães de busca, resgate e salvamento**. 2013, 47 p. Monografia (Especialização em Gestão Pública com Ênfase à Atividade de Bombeiro) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências da Administração e Socioeconômicas, Florianópolis, 2013.

PIMENTEL Y.L., COSTA A.S., HERRERA G.C., MENDONÇA C.S., FERREIRA F.A., REZENDE P.R.S. **Megaesófago secundário adquirido pós cinomose em cão - Relato de caso**. *Revista Brasileira de Medicina Veterinária*, 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/24498/3/Megaes%C3%B4fagoSecund%C3%A1rioAdquirido.pdf> Acesso em: 24 jan. 2022.

PRADO R. F. S.; SOARES O. A. B. **Apostila de Cinotecnia**. Ministério da Defesa Exército Brasileiro, 2014.

RHODES, K. H.; WERNER, A.H. **Dermatologia em pequenos animais**- 2ed – São Paulo, 2014, p. 225.

ROCHA, F.P.C., SILVA, D., BENEDETTE, M. F., SANTOS, D. A. N., COSTA, E. A. A. **Displasia coxofemoral em cães**. *Revista Científica eletrônica de Medicina Veterinária*.

2008. Disponível em: <
http://www.faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/3w06cWeAcFaNErX_2013-6-14-10-15-11.pdf> Acesso em: 24 jan. 2022.

SAKATA, Marcus Vinícius Akira. **O emprego do cão farejador no cumprimento de mandados de busca e apreensão pela polícia militar do estado de Mato Grosso**. Revista Científica de Pesquisa em Segurança Pública, v.14, n.1, p.173-194, 2015. Disponível em: http://revistacientifica.pm.mt.gov.br/ojs/index.php/semanal/article/view/260/pdf_159. Acesso em: 25. Mar. de 2021.

SANTOS, C.R.O. et al. **Achados clínicos, histopatológicos e moleculares da mielopatia degenerativa canina: relato de caso**. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia [online]. 2020, v. 72, n. 02 pp. 339-345. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-4162-11221> Acesso em: 24 jan. 2022.

SILVA, C.L. e ROLAN, R.T. **Foliculite furunculose - relato de caso**. PUBVET, Londrina, V. 8, N. 15, Ed. 264, Art. 1758, Agosto, 2014.

SILVA, P.J. **Tratamento de megaesôfago em cão: Relato de caso**. 2019. 46f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) – UniRV – Universidade de Rio Verde, Rio Verde, 2019.

SIQUEIRA, Wanderson Nunes de. **O emprego do cão farejador na localização de substâncias entorpecentes ilícitas**. RHM - Vol 6 - Jan/Jun 2010.

TÔRRES, R.C.S., FERREIRA, P.M. e SILVA, D.C. **Frequência e assimetria da displasia coxofemoral em cães Pastor-Alemão**. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia [online]. 1999, v. 51, n. 2 [Acessado 26 Outubro 2021] , pp. 153-156. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-09351999000200005>>. Epub 17 Abr 2001. ISSN 1678-4162. <https://doi.org/10.1590/S0102-09351999000200005> Acesso em: 24 jan. 2022..

VELASQUEZ, S.M.C. **Características generales de la insuficiencia pancreatica exocrina en caninos** (Revisión de Literatura) (2017). Disponível em : <https://repository.ucc.edu.co/handle/20.500.12494/4914> Acesso em: 24 jan. 2022.

VIANNA, L.F.C.G.; VAHIA, K.B. - **Perfil clínico e epidemiológico de cães epiléticos atendidos no hospital veterinário da UFRRJ**. 2014. Disponível em: https://web.archive.org/web/20180602212921id_/http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/rbc.v.2014.231 Acesso em: 24 jan. 2022.

BASIC CONSIDERATIONS ABOUT THE USE OF SNIFFER DOGS

ABSTRACT: This article presents descriptive, historical, and comparative information on the use of dogs in police work, specifically for the detection of narcotics by scent. The approach is qualitative, with a descriptive objective and support in bibliographic research. The study contains a theoretical basis that describes the use of dogs by Brazilian police units, as well as the ways in which these animals and their human partners are trained.

Keywords: Police dog; Scent dog; sniffer dog; K9; Cynotechnics.